

O papel da universidade **PÓS-HUMBOLDTIANA**

As universidades do presente e do futuro tendem a se transformar expressivamente, agregando às suas missões tradicionais de ensino e pesquisa servir também como centros indutores de inovação

Se os 200 anos que nos separam da criação da Universidade de Berlim, que incorporou a atividade de pesquisa à prática pedagógica, estão recheados de mudanças, as próximas décadas nos reservam mudanças muito mais drásticas e rápidas. Entre as várias novidades em curso, a inovação chama a atenção pela centralidade que ocupa no presente e mais intensamente terá ainda no futuro.

Como ficam as universidades neste novo contexto? Nas últimas décadas, em sua maioria, elas têm se caracterizado pelas funções educativas clássicas e secundariamente pelas pesquisas convencionais. As universidades do presente e do futuro tendem a se transformar expressivamente, agregando às suas missões tradicionais de ensino e pesquisa servir também como centros indutores de inovação.

Esses novos ingredientes alteram os temas selecionados para geração de conhecimentos, a forma de produzi-los e afetam também as metodologias de ensino. Até recentemente, a figura típica do docente investigador tem sido a de um competente profissional que na sua linha específica de pesquisa tem por meta explorar os limites do estado da arte, tendo como referência única de sucesso as publicações em conceituadas revistas internacionais. Muitas vezes trabalhando isoladamente, às vezes

com um estudante de pós-graduação e muito raramente em equipe.

A partir desta década, pela natureza complexa dos problemas a serem abordados, são inviáveis, em geral, as abordagens do ponto de vista de uma linha exclusiva de pesquisa, demandando, na maioria dos casos, a formação de equipes multidisciplinares e o trabalho em equipe por meio de redes de pesquisadores. Na universidade pós-humboldtiana, a demanda social passa a ser, gradativamente, o elemento central que define prioritariamente as áreas de pesquisa em curso, respeitadas as exceções, e modula tanto a forma de pesquisar como de transmitir conhecimentos.

A produção científica nacional vem crescendo a um ritmo muito superior à média mundial e está assentada, principalmente, em

“O sucesso da produção brasileira não esconde a baixa capacidade de transformar os resultados em riqueza que impacte no desenvolvimento econômico e social”

duas importantes variáveis, em ordem de importância: primeiro a muito bem estruturada e avaliada pós-graduação (Capes) e segundo o sistema de bolsas de produtividade do CNPq. Ambas as variáveis têm como elemento de referência principal (não único) a publicação de artigos em revistas especializadas.

A demanda social passa a ser, gradativamente, o elemento central que define as áreas das pesquisas em curso e modula a forma de pesquisar e de transmitir o conhecimento”

No entanto, o sucesso na produção de conhecimento no Brasil não esconde a baixa capacidade de transformar esse conhecimento em riqueza que impacte no desenvolvimento econômico e social. A título de marcar a discrepância, enquanto o Brasil responde por 2,7% da produção científica mundial, em termos de registros internacionais de patentes somos responsáveis por menos de 0,1%. Mesmo não sendo registros de patentes o único, e não necessariamente o melhor, indicador, os números são tão díspares que certamente evidenciam algo.

A nova realidade em curso alterará a prática da pesquisa acadêmica, seja na motivação dos temas escolhidos, seja na forma de produzir os conteúdos e, não menos importante, nos processos avaliativos acoplados. Assim, os comitês de áreas de instituições como Capes e CNPq ao longo dos próximos anos serão demandados a repensar pontuações de trabalhos em áreas que não sejam necessariamente disciplinares ou que aparentemente não tenham conexões exclusivas com a área de denominação disciplinar que caracteriza o comitê específico. Além disso, aprender a dimensionar e contabilizar os eventuais impactos dos resultados das pesquisas no setor produtivo, além dos tradicionais e diretos parâmetros de impacto das revistas de divulgação, não será tarefa fácil, mas imprescindível.

A palavra extensão redimensiona-se, abandonando qualquer pretensão da velha extensão enquanto falsa concepção de

"levar" o conhecimento produzido para a sociedade. A sociedade, por meio de suas demandas, ajuda a moldar e definir com mais intensidade o conhecimento a ser desenvolvido, numa via de mão dupla à qual estamos pouco acostumados. Mesmo a visão empreendedora tradicional se recicla, dando espaço ao empreendedorismo coletivo que marcará as próximas etapas de desenvolvimento.

Em suma, na universidade pós-humboldtiana, a forma com que o conhecimento é desenvolvido, difundido e aplicado interfere não só na riqueza cultural da sociedade, mas também na economia e na competitividade global. Tudo isso com uma ênfase muito mais acentuada do que costumava ser anteriormente. A demanda social passa a ser, gradativamente, o elemento central que define prioritariamente as áreas das pesquisas em curso e modula a forma de pesquisar, bem como de transmitir conhecimento.

Ronaldo Mota é secretário nacional de Desenvolvimento Tecnológico e Inovação do Ministério de Ciência e Tecnologia, professor titular de física da Universidade Federal de Santa Maria e pesquisador do CNPq

